Governança para a saúde num mundo turbulento: introduzindo uma nova Comissão Lancet

Governance for health in a turbulent world:
introducing a new Lancet Commission

Gobernanza para la salud en un mundo turbulento:
introduciendo una nueva Comisión Lance

Christina Marie Brux, Emma Joanna Lengle, Jashodhara Dasgupta, Rhoda K Wanyenze, Paulo Marchiori Buss, Eivind Engebretsen, Ana Mateus, Richard Horton, Ole Petter Ottersen

Mais de uma década se passou desde que a Comissão Lancet-Universidade de Oslo sobre Governança Global em Saúde publicou seu relatório em 2014[1]. Naquela época, progressos em direção aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio haviam sido alcançados, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estavam a caminho e a saúde global estava avançando, embora em grande parte em domínios prioritários de segurança sanitária e substancialmente dependente de financiamento de países de alta renda e organizações filantrópicas[2]. Ancorada em um compromisso com a equidade em saúde e em uma compreensão da saúde como determinada significativamente por fatores e forças políticas além do setor da saúde, a Comissão de 2014 identificou cinco disfunções de governança que sustentam e exacerbam as desigualdades em saúde: déficit democrático, fraca responsabilização, rigidez institucional, ausência de instituições e espaço político inadequado para a saúde. Em suas recomendações, a Comissão de 2014 afirmou a equidade em saúde como um mandato intersetorial e incentivou uma cooperação mais eficaz entre as organizações de governança existentes e as partes interessadas, propondo uma plataforma multissetorial da ONU e um painel independente de monitoramento científico sobre os determinantes sociais e políticos da saúde[1].

Em 2026, o discurso global sobre saúde continua evitando confrontar verdades difíceis sobre poder, soberania e interesses estratégicos. Ao mesmo tempo, assimetrias de poder e forças externas ao setor de saúde, especialmente rivalidades geopolíticas, agendas de segurança

1. Publicado originalmente online em The Lancet, em 20/01/2026. Acesso: https://doi.org/10.1016/S0140-6736(26)00145-5. Tradução: Paulo Marchiori Buss, Fiocruz

2. Sustainable Health Unit, University of Oslo, Oslo, Norway (CMB, EE); Department of Global Health and Social Medicine, Harvard Medical School, Boston, MA, USA (EJL); Department of Community Medicine and Global Health, Institute of Health and Society, University of Oslo, Oslo, Norway (EJL); Village Buribana via Kasiyalekh, District Nainital, Uttarakhand, India (JD); Department of Disease Control and Environmental Health, School of Public Health, Makerere University, Mulago, Kampala, Uganda (RKW); Oswaldo Cruz Foundation, Center for Global Health, Rio de Janeiro, Brazil (PMB); The Lancet, London, UK (AM, RH); Department of Molecular Medicine, Institute of Basic Medical Sciences, University of Oslo, 0372 Oslo, Norway (OPO); Department of Global Public Health, Karolinska Institutet, Stockholm, Sweden (OPO)

nacional e interesses econômicos, moldam cada vez mais o cenário global da saúde e impedem uma governança eficaz para a saúde. Prevalece uma política de desigualdade, exploração e sofrimento. A necessidade de uma avaliação franca da dinâmica de poder e de como os processos de governança global além da área da saúde podem melhor servir à saúde e promover a equidade em saúde é mais urgente do que nunca.

Desde 2014, a democracia sofreu erosão, com o número de pessoas que desfrutam de direitos democráticos caindo de 3,9 bilhões em 2016 para 2,3 bilhões em 2024[3]. Durante esses mesmos anos, a autocracia aumentou, os movimentos autoritários e populistas cresceram e a polarização, a desinformação e a desconfiança proliferaram[3,4]. Em meio a uma crescente crise do multilateralismo, o governo do presidente dos EUA, Donald Trump, suspendeu a ajuda externa e anunciou a retirada dos EUA de vários órgãos e acordos internacionais importantes em 2025, incluindo a OMS e o Acordo de Paris[5-8], sinalizando mudanças imprevisíveis no equilíbrio do poder geopolítico e na governança global, bem como lacunas no apoio à saúde global, aos direitos humanos, ao humanitarismo e ao desenvolvimento sustentável.

Essa ruptura ocorre em um momento em que o progresso do desenvolvimento sustentável está alarmantemente fora dos trilhos[9], o acesso desigual a vacinas e outros recursos de saúde persiste[10], e as mudanças climáticas e seus impactos na saúde continuam a se intensificar11,12. Houve mais conflitos entre Estados registrados em 2024 do que em qualquer outro momento desde 1946[13], e o número de pessoas deslocadas à força praticamente dobrou na última década[14]. O paradigma econômico atual também é aquele em que o poder corporativo e a concentração de riqueza sem precedentes, e, consequentemente, a privatização de bens públicos, a externalização de custos, a evasão fiscal e a apropriação de políticas pelas elites, reforçam as desigualdades sociais e econômicas, intensificam as iniquidades em saúde, exacerbam os danos ecológicos e influenciam cada vez mais os determinantes sociais da saúde, incluindo salários, opções alimentares e acesso a serviços e produtos de saúde[15]. Ao mesmo tempo, as mudanças demográficas (por exemplo, a urbanização e uma população global que vive cada vez mais) e a expansão das fronteiras tecnológicas (por exemplo, inteligência artificial, big data e mídias sociais) oferecem oportunidades sem precedentes. possibilidades, mas correm o risco de amplificar as desigualdades e introduzir novos desafios ligados à desigualdade digital, desinformação e informações falsas, e propriedade de dados, compartilhamento, privacidade e comercialização[16,17].

Embora a última década tenha testemunhado progressos globais em direção à equidade em saúde em domínios-chave, incluindo expectativa de vida e mortalidade infantil e materna, graves desigualdades em saúde persistem tanto dentro como entre os países. Crises ecológicas e geopolíticas interligadas representam as principais ameaças à saúde e à equidade em saúde, com impactos excessivos sobre os menos responsáveis e mais vulneráveis[18], e com projeções de que, entre 2022 e 2050, as alterações climáticas poderão quase duplicar o número de pessoas que vivem em extrema pobreza[19].

A pandemia da COVID-19 sublinhou a forma como as crises contemporâneas se interligam e se exacerbam mutuamente. Em sua esteira, as assimetrias de poder arraigadas — de gênero, socioeconômicas, geracionais e neocoloniais — se aprofundaram[20]. O Acordo da OMS sobre a Pandemia[21], apesar de representar um esforço multilateral louvável para negociar um consenso em torno de preocupações-chave de equidade e segurança sanitária, perdeu ambição e promessa durante mais de 3 anos de negociações conflituosas e paralisadas, que refletiram, em vez de reconciliar, as desigualdades e os desequilíbrios de poder que foram onipresentes durante as consequências e a resposta à pandemia de COVID-19. Até que essas desigualdades estruturais e desequilíbrios de poder sejam resolvidos, nem a agenda de desenvolvimento sustentável nem a preparação ou resposta adequadas a pandemias serão viáveis[22,23].



Foto publicada com o artigo no Lancet

Por outro lado, estão surgindo alternativas à atual ordem multilateral, incluindo instituições regionais que priorizam as necessidades da comunidade, como os Centros Africanos de Controle e Prevenção de Doenças, juntamente com um incentivo à inovação liderada localmente e o crescimento de coalizões entre nações e outras partes interessadas, muitas vezes sob a liderança do Sul Global, exigindo uma governança mais democrática e inclusiva, bem como solidariedade no enfrentamento de alguns dos desafios de saúde mais urgentes[24-27]. No entanto, o cenário atual é de crises em cascata, agravadas e interligadas, em que a saúde, a equidade, a sustentabilidade e a paz são subordinadas a objetivos políticos, militares e econômicos. Isso exige nada menos que uma transformação decolonial rumo a um novo multilateralismo ancorado na equidade, em valores compartilhados e na responsabilidade. Os países de baixa e média renda devem liderar e cocriar soluções globais, as capacidades locais e regionais devem receber investimentos e a produção e disseminação do conhecimento devem ser democratizadas. Os sistemas de governança e econômicos devem ser reconfigurados em direção à interdependência equitativa, sustentabilidade e bem-estar. Saúde, educação, segurança alimentar e tecnologias essenciais devem ser tratadas como bens públicos globais. De forma abrangente, a equidade — epistêmica, intergeracional, socioeconômica, global, racial e de gênero — deve ser o denominador comum, como um resultado mensurável e um imperativo moral.

Comprometida com essa visão esperançosa e voltada para o futuro, a nova Comissão Lancet sobre Governança Global para a Saúde reúne um grupo diversificado de especialistas interdisciplinares que identificarão e avaliarão as principais megatendências de importância para a saúde global e a equidade em saúde global abrangendo os domínios geopolítico, econômico, ecológico, tecnológico e sociocultural. As funções e disfunções da governança serão analisadas, assim como a dinâmica de poder e os processos pelos quais as desigualdades em saúde são produzidas e propagadas. Em última análise, a Comissão abordará as questões do que precisa ser feito e como, quando e por quem. O relatório final apresentará novas recomendações e

caminhos de governança, com o objetivo de impulsionar uma transformação da governança global a serviço da equidade em saúde, da sustentabilidade e da justiça.

Referências

1) Ottersen OP, Dasgupta J, Blouin C, et al. The political origins of health inequity: prospects for change. Lancet 2014; 383: 630–67.

2) Fidler DP. Rise and fall of global health as a foreign policy issue. Global Health Gov 2011; 4: 1–12.

3) Herre B. The world has recently become less democratic. Our World in Data, 2022, updated July, 2025. https://ourworldindata.org/less-democratic (accessed Jan 27, 2026).

4) World Economic Forum. Global risks report 2024. 2024. https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2024/digest/ (accessed Feb 21, 2025).

5) The White House. Withdrawing the United States from the World Health Organization. Jan 20, 2025. https://www.whitehouse.gov/presidentialactions/2025/01/withdrawing-the-united-states-from-the-worldhealthorganization/ (accessed Feb 21, 2025).

6) The White House. Withdrawing the United States from and ending funding to certain United Nations organizations and reviewing United States support to all international organizations. Feb 5, 2025. https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/02/withdrawing-the-unitedstates-from-and-ending-funding-to-certain-united-nationsorganizations-and-reviewing-united-states-support-to-all-internationalorganizations/ (accessed Feb 21, 2025).

7) The White House. Reevaluating and realigning United States foreign aid. Jan 20, 2025. https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/01/reevaluating-and-realigning-united-states-foreign-aid/ (accessed Feb 21, 2025).

8) The White House. Putting America first in international environmental agreements. Jan 20, 2025. https://www.whitehouse.gov/presidentialactions/2025/01/putting-america-first-in-international-environmentalagreements/ (accessed Feb 21, 2025).

9) UN. The Sustainable Development Goals report 2024. 2024. https://unstats.un.org/sdgs/report/2024/ (accessed Feb 21, 2025).

10) Branda F, Ceccarelli G, Ciccozzi M, Scarpa F. Strengthening community resilience: lessons from COVID-19 for mpox prevention. Lancet 2024; 404: 929.

11) United Nations Environment Programme, International Science Council. Navigating new horizons: a global foresight report on planetary health and human wellbeing. United Nations Environment Programme, 2024. https://www.unep.org/resources/global-foresight-report (accessed Feb 21, 2025).

12) Romanello M, Walawender M, Hsu S-C, et al. The 2025 report of the Lancet Countdown on health and climate change. Lancet 2025; 406: 2804–57.

13) Rustad SA. Conflict trends: a global overview, 1946–2024. Peace Research Institute Oslo (PRIO), 2025. https://www.prio.org/publications/14453 (accessed Nov 4, 2025).

14) United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). Global trends report 2024. 2025. https://www.unhcr.org/global-trends-report-2024 (accessed Nov 4, 2025).

15) Oxfam. Takers, not makers: the unjust poverty and unearned wealth of colonialism. Jan 19, 2025. https://policy-practice.oxfam.org/resources/takers-not-makers-621668/ (accessed Dec 16, 2025).

16) UN-Habitat. Assessing the digital divide. 2021. https://unhabitat.org/assessing-the-digital-divide (accessed Feb 21, 2025).

17) World Economic Forum. The global risks report 2025. 2025. https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2025/ (accessed Feb 21, 2025).

18) Zahnow R, Yousefnia AR, Hassankhani M, Cheshmehzangi A. Climate change inequalities: a systematic review of disparities in access to mitigation and adaptation measures. Environmental Sci Policy 2025; 165: 104021.

19) Fajardo-Gonzalez J, Nguyen MC, Corral P. The future of poverty: projecting the impact of climate change on global poverty through 2050. Policy Research Working Paper 11173. World Bank Group, 2025. https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/7966f88c-2c13-4876-bbaa-031f309b9442 (accessed Jan 27, 2026).

20) Sidik SM. How COVID has deepened inequality—in six stark graphics. Nature 2022; 606: 638–39.

21) WHO. WHO Pandemic Agreement. Seventieth-eighth World Health Assembly. May 20, 2025. https://

apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA78/A78_R1-en.pdf (accessed Jan 27, 2026).

22) Fidler DP. The Pandemic Agreement fractures in the latest negotiations. Think Global Health, Oct 29, 2024. https://www.thinkglobalhealth.org/article/pandemic-agreement-fractures-latest-negotiations (accessed Feb 21, 2025).

23) Wenham C. The Pandemic Agreement may weaken, rather than strengthen multilateralism. Chatham House, 2025. https://www.chathamhouse.org/2025/05/pandemic-agreement-may-weaken-rather-strengthenmultilateralism (accessed Aug 15, 2025).

24) Africa Centres for Disease Control and Prevention. Africa CDC unveils a new vision for Health Security and Sovereignty across the continent. Nov 21, 2025. https://africacdc.org/news-item/africa-cdc-unveils-a-newvision-for-health-security-and-sovereignty-across-the-continent/ (accessed Dec 16, 2025).

25) Global Alliance Against Hunger and Poverty. Global Alliance Against Hunger and Poverty foundational documents. 2024. https://globalallianceagainsthungerandpoverty.org/wp-content/uploads/2024/10/Global-Alliance-Foundational-Documents.pdf (accessed Nov 13, 2025).

26) Souto M. BRICS Health Ministers approve partnership to eliminate socially determined diseases and strengthen vaccine cooperation. BRICS Brasil, 2025. https://brics.br/en/news/brics-health-ministers-approve-partnership-toeliminate-socially-determined-diseases-and-strengthen-vaccinecooperation (accessed Nov 13, 2025).

27) Gray J. A bold new investment fund aims to channel billions into tropical forest protection—one key change can make it better. The Conversation, Nov 10, 2025. https://theconversation.com/a-bold-new-investment-fundaims-to-channel-billions-into-tropical-forest-protection-one-key-changecan-make-it-better-269374 (accessed Jan 14, 2026).

Temos um sonho

Juan Garay

Reunimo-nos num ponto de inflexão da história humana.

Falamos não a partir do conforto, mas da urgência.

Não a partir do ódio, mas da responsabilidade.

Não como líderes ou especialistas, mas como pessoas —

pessoas que se recusam a normalizar o sofrimento.

Vivemos num mundo governado por um sistema político global que, demasiadas vezes, se submete à força em vez da justiça. Um mundo onde ameaças intimidatórias substituem o diálogo, onde o direito internacional se curva diante do poder militar e económico, e onde o Conselho de Segurança das Nações Unidas — incumbido de proteger a paz — tem repetidamente permitido guerras, ocupações e genocídios, por ação, omissão ou veto.

Isto não é um fracasso de ideais.

É um fracasso de estruturas.

Ao lado desta ordem política ergue-se um sistema económico que escapou a todo controlo democrático. Um sistema em que gigantescos gestores de ativos concentram riqueza e poder a um ritmo exponencial, transformando governos em administradores de interesses de mercado e reduzindo os seres humanos a custos, riscos ou dados.

Este sistema recompensa a extração em vez do cuidado, a acumulação em vez da vida, e o lucro em vez da verdade. É uma ditadura global do dinheiro, exercida por poucos e suportada por bilhões.

Para sustentá-la, expande-se silenciosamente outra forma de dominação: a dominação da atenção. Através de ecrãs que ocupam uma parcela cada vez maior do tempo humano, o poder mediático molda pensamentos, medos e desejos. Treina a passividade, acelera o individualismo e transforma cidadãos em consumidores isolados — desconectados da terra, da comunidade e uns dos outros.

Ao mesmo tempo, fronteiras artificiais fragmentam tanto a humanidade quanto os ecossistemas, dividindo aquilo que a própria vida nunca dividiu. Essas fronteiras justificam exclusão, guerra e exploração, enquanto ocultam o facto de que a Terra é uma só e o nosso destino é comum.

Das mais altas instituições globais aos governos nacionais; da academia às corporações; dos organismos económicos às hierarquias religiosas, flui para baixo uma violência subtil e constante. A violência do comando sem escuta. A violência da hierarquia sem responsabilidade. A violência da autoridade que normaliza a obediência e silencia a dissidência. Esta violência estrutural não é abstrata.

Segundo análises apresentadas nos webinários SHEM sobre equidade sustentável em saúde, (https://www.sustainablehealthequity.org/webnair) o sistema global atual provoca a perda prematura de aproximadamente 16 milhões de vidas humanas por ano e a destruição de centenas de milhões de anos de vida — não por destino inevitável, mas por desigualdade evitável, privação, degradação ambiental e negligência organizada.

Ao mesmo tempo, este sistema está a destruir as bases vivas da existência humana — solo, água, clima, biodiversidade — comprometendo a própria possibilidade de sobrevivência humana para além deste século.

Diante desta realidade, o desespero seria compreensível.

Mas o desespero seria também uma rendição.

Por isso dizemos: temos um sonho.

Temos um sonho de que a humanidade se recorde de que toda a vida é sagrada e de que os seres humanos fazem parte da teia da vida — não seus donos, não seus senhores.

Temos um sonho de comunidades que regeneram os ecossistemas em vez de os esgotar; que curam a terra e a água em vez de as sacrificar; que escolhem o cuidado com a biodiversidade como condição para o seu próprio futuro.

Temos um sonho de formas de viver enraizadas na compaixão, onde a alimentação não depende do sofrimento sistemático, e onde a saúde é entendida como relacional — entre corpos, comunidades e ecossistemas.

Temos um sonho de autossuficiência solidária: comunidades que recuperam os essenciais da vida através da simplicidade, da cooperação e do apoio mútuo, reduzindo a dependência de um mercado global alienante e destrutivo.

Temos um sonho de decisões sem dominação — onde o poder é partilhado, o consentimento importa e a liberdade é inseparável da responsabilidade. Um mundo onde as hierarquias dão lugar à participação e a sabedoria emerge da inteligência coletiva.

Temos um sonho de convivência enraizada na empatia, onde trabalho, cuidado, descanso, afeto e cura são igualmente valorizados; onde a solidão não é ignorada; onde a violência não é normalizada; onde a dignidade é protegida no quotidiano.

E temos um sonho de uma rede global de comunidades soberanas e interligadas — enraizadas nos seus territórios, abertas umas às outras, partilhando saberes, sementes e solidariedade para o bem comum. Uma rede que transcende fronteiras sem apagar a diversidade, e coopera sem dominação.

Este sonho não é uma fantasia adiada para amanhã.

É uma direção já visível sempre que pessoas escolhem a vida em vez do lucro, a cooperação em vez da competição e o cuidado em vez do controlo.

Com este sonho, recusamos a ideia de que não há alternativa.

Com este sonho, rejeitamos a mentira de que a violência é inevitável.

Com este sonho, comprometemo-nos — não com a perfeição, mas com a coerência.

Que esta seja a geração que escolheu a vida.

Que este seja o momento em que a humanidade mudou de rumo.

Que este seja o tempo em que pessoas em todo o mundo se levantaram e disseram: basta.

Basta de uma economia que mata.

Basta de uma política que exclui.

Basta de uma cultura que anestesia.

Temos um sonho — e vamos vivê-lo até que se torne realidade.

Pessoas do mundo em pé contra a violência do capitalismo.

Saúde, Esperança e Resistência em uma Era de Guerra, Desigualdade e Colapso Ecológico

Juan Garay

A recente invasão militar dos Estados Unidos à Venezuela não é um episódio isolado, mas uma expressão clara de uma dinâmica global mais ampla, na qual poder geopolítico, combustíveis fósseis, militarismo e finanças especulativas convergem. Assim como na Ucrânia e no Oriente Médio, a linguagem da "segurança" encobre intervenções que protegem recursos estratégicos e interesses econômicos, enquanto corroem o direito internacional, a paz e a dignidade humana. Para além da destruição imediata, essas dinâmicas acarretam um custo mais profundo e menos visível: a erosão progressiva da expectativa de vida saudável das gerações presentes e futuras.

A mudança climática, impulsionada principalmente pela dependência de combustíveis fósseis e reforçada por economias militarizadas, não é apenas uma crise ambiental, mas uma crise sanitária de grande magnitude. Análises publicadas na PEAH (2018, https://www.peah.it/2018/07/5498/) estimam que o impacto cumulativo da mudança climática poderá resultar em mais de 200 milhões de mortes excessivas ao longo do século XXI, com aceleração da mortalidade na segunda metade do século, devido ao estresse térmico, à insegurança alimentar, às doenças infecciosas, ao deslocamento populacional e ao colapso dos ecossistemas. De forma crucial, essa mortalidade excessiva afetará desproporcionalmente populações que vivem em países de baixa emissão, que menos contribuíram para o aquecimento global, mas sofrem suas consequências mais severas. Guerras por petróleo e por dominação geopolítica intensificam diretamente essa injustiça, ao aumentar as emissões, destruir ecossistemas e desviar recursos da adaptação climática e da saúde pública.

Paralelamente, desenrola-se um processo igualmente letal. A concentração progressiva de renda e ativos nas mãos de uma parcela cada vez menor da população mundial está impulsionando níveis extremos de desigualdade econômica. Atualmente, cerca de metade da humanidade vive abaixo de um limiar de dignidade, efetivamente privada do direito à saúde, à nutrição adequada, à moradia e à proteção social. Essa injustiça estrutural resulta em mais de 16 milhões de mortes excessivas por ano, não por causas inevitáveis, mas por pobreza, exclusão e condições evitáveis, conforme documentado na PEAH (2023 https://www.peah.it/2024/11/14003/). Caso as tendências atuais persistam, essa proporção poderá alcançar dois terços da população mundial ao longo do século, reduzindo ainda mais a duração e a qualidade da vida humana.

Para as gerações mais jovens, essas realidades são profundamente corrosivas. Elas herdam um futuro marcado pela instabilidade climática, por conflitos permanentes, por meios de subsistência precários e por sistemas políticos cada vez mais capturados por interesses financeiros. A confiança nas instituições se deteriora não por apatia, mas pela percepção — frequentemente justificada — de que os processos democráticos são distorcidos pela manipulação midiática, pelo capital especulativo e pela coerção geopolítica. A própria esperança torna-se uma vítima

quando as pessoas se sentem privadas tanto de agência quanto de voz.

É nesse contexto que o Movimento pela Equidade Sustentável em Saúde (SHEM) situa sua atuação — não como uma solução grandiosa ou uma autoridade centralizada, mas em termos deliberadamente humildes. O SHEM busca reunir cidadãos preocupados, ativistas, cientistas e profissionais da saúde e do trabalho social dispostos a analisar essas dinâmicas nocivas com honestidade e a agir em consequência. O movimento reconhece que muitas das estruturas econômicas e políticas dominantes não são apenas ineficientes, mas ativamente destrutivas para a saúde, a equidade, a paz e o mundo vivo.

Por isso, o SHEM convoca à desobediência consciente a essas "dinâmicas perversas" — não por meio da violência, mas através da recusa ética e da construção de alternativas. Isso inclui resistir ao consumismo excessivo, rejeitar a cumplicidade com a produção e o comércio extrativistas e afastar-se, na medida do possível, de sistemas financeiros especulativos que lucram com a instabilidade, a guerra e a desigualdade. No centro dessa visão está o surgimento gradual de redes de comunidades locais soberanas, fundamentadas em estilos de vida de baixo consumo, compartilhamento de saberes, justiça econômica e harmonia com a natureza.

Uma ferramenta essencial para essa transição é o desenvolvimento e uso de software livre e bens digitais comuns. O software de código aberto permite o surgimento de redes colaborativas globais fora do controle corporativo, apoiando o compartilhamento de conhecimento, métricas transparentes, governança participativa e a co-criação de bens públicos globais nas áreas da saúde, educação, ecologia e organização social. Quando alinhadas a valores éticos, essas ferramentas podem contrabalançar os efeitos manipuladores das plataformas proprietárias sobre a mídia, a política e o consumo, ao mesmo tempo em que fortalecem a cooperação horizontal entre culturas e territórios.

Essas comunidades não são enclaves escapistas. Elas são laboratórios vivos de resiliência, restaurando soberania alimentar, cuidado mútuo, tomada de decisão participativa e regeneração ecológica. Também oferecem às pessoas jovens algo cada vez mais raro: um sentido tangível de que suas ações importam, de que a saúde e a dignidade podem ser defendidas coletivamente e de que outro modo de viver é possível.

Essas ideias serão articuladas e debatidas na próxima Assembleia do SHEM, onde será apresentada uma estratégia baseada na equidade em saúde, na autonomia comunitária, no conhecimento aberto e na solidariedade global sem dominação. O objetivo não é substituir as instituições existentes de forma imediata, mas reconstruir a esperança e a saúde a partir da base, com paciência e coragem, como fundamentos de um futuro mais justo e habitável.

Em uma era em que guerra, desigualdade e colapso ecológico são tratados como normais, escolher o cuidado, a contenção e a vida comunitária já não é opcional. É um imperativo ético — e talvez o caminho mais realista que resta para preservar a vida, a saúde e o sentido da existência no século que se inicia.

Estante de livros, vídeos e outros que tais

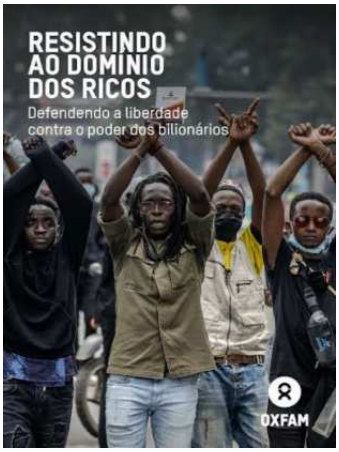
A seção Estante traz breves informações e resumos de livros, revistas, relatórios e vídeos sobre temas de saúde global e diplomacia da saúde. A ideia é permitir que nossos analistas, mas também leitores e colaboradores, compartilhem dicas sobre o que leram, viram ou ouviram e que gostaram. Os comentários não devem ultrapassar 150 palavras. Sua nota deve ser enviada para o e-mail do editor do Caderno paulo.buss@fiocruz.br

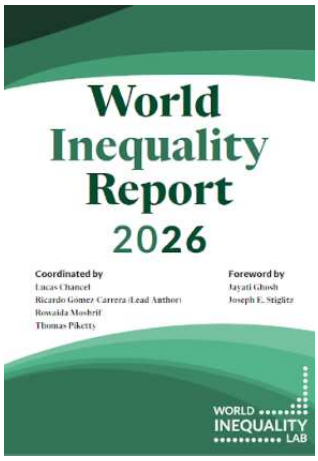


Boletim do Observatório Internacional do Século XXI no. 15. Este décimo-quinto Boletim do Observatório Internacional do Século XXI focaliza o caos internacional desta terceira década do século, acentuado pela política errática dos EUA em todos os conflitos mundiais. Junto com o seu ataque frontal às regras e instituições que regeram a ordem multilateral do Século XX. Os artigos deste Boletim atentam em particular para a Venezuela e o Caribe, América do Sul, Ártico, e Mar do Sul da China. Com uma discussão das posições da China, do Japão, da Índia e dos países latino-americanos atingidos pelo atropelo norte-americano, e pelo seu desrespeito sistemático das suas "soberanias nacionais". Inclui uma nota final sobre a questão da "ordem" e do "caos" na história de longo prazo do sistema interestatal. Acesso: https://nubea.ufrj.br/images/Observatorio/Boletim_15_Janeiro_2026.pdf

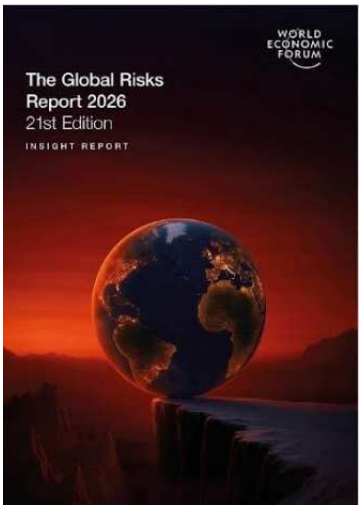
Resistindo ao domínio dos ricos.

Relatório da OXFAM (2026). Este relatório evidencia como a desigualdade extrema, os bilionários e seus facilitadores governamentais estão moldando as regras de economias e sociedades em benefício próprio e em detrimento dos direitos e liberdades das pessoas em todo o mundo. Segundo o documento, a riqueza dos bilionários cresceu 16% só em 2025, chegando a US$ 18,3 trilhões; enquanto isso, 1 em cada 4 pessoas no mundo enfrenta insegurança alimentar, e quase metade da população global vive na pobreza. Políticas pró-riqueza, como cortes de impostos para os super-ricos e o enfraquecimento de regulamentações, têm acelerado essa concentração de poder e renda. Acesso: Resistindo ao Domínio dos Ricos: Defendendo a Liberdade contra o Poder dos Bilionários



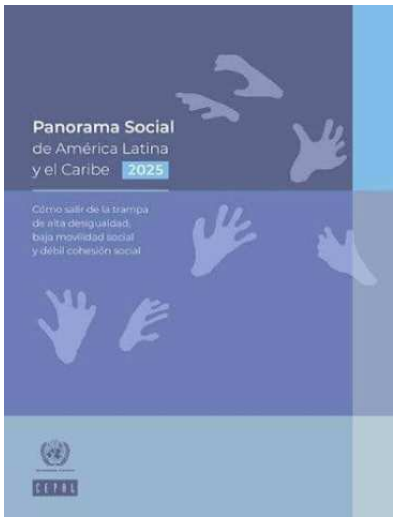


Chancel, L., Gómez-Carrera, R., Moshrif, R., Piketty, T., et al. (2026). **World Inequality Report 2026 (WIR 2026)** – Produzido pelo experiente grupo liderado por Thomas Piketty no World Inequality Lab. Destaques no sumário do informe: O mundo é extremamente desigual; Desigualdade e mudanças climáticas; Desigualdade de gênero; Desigualdade entre regiões; Redistribuição, tributação e evasão fiscal; Desigualdade devido ao sistema financeiro global; Clivagens políticas e democracia; Diretrizes políticas; Conclusões. Acesso: https://wir2026.wid.world/



World Economic Forum. **The Global Risks Report 2026.** A 21ª edição do Relatório de Riscos Globais explora como uma nova ordem competitiva está se formando e seu impacto em múltiplos domínios de risco simultâneos. Aborda a turbulência causada por guerras cinéticas, o uso de armas econômicas para obter vantagem estratégica e a crescente fragmentação das sociedades. À medida que esses riscos "aqui e agora" se desenrolam, desafios de longo prazo, da aceleração tecnológica à degradação ambiental, continuam a criar efeitos indiretos em todos os sistemas. Paralelamente, regras e instituições que há muito sustentam a estabilidade estão cada vez mais paralisadas ou ineficazes na gestão dessa turbulência. O relatório completo e uma plataforma de dados interativa estão disponíveis em: https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2026/ e https://reports.weforum.org/docs/WEF_Global_Risks_Report_2026.pdf

Human Rights Watch. **Relatório Mundial 2026 sobre Direitos Humanos 2026.** A HRW acaba de lançar seu relatório mundial, declarando que o sistema global de direitos humanos está em perigo. Numa análise contundente, que aborda a situação em todo o planeta, a ONG afirma que a democracia está agora de volta aos níveis de 1985, com 72% da população mundial vivendo atualmente sob regimes autoritários. Acesso à versão em português: Relatório Mundial 2026 | Human Rights Watch



Panorama Social de América Latina y el Caribe, 2025: cómo salir de la trampa de alta desigualdad, baja movilidad social y débil cohesión social. Superar a desigualdade exige abordagem abrangente para enfrentar desigualdades causadas pelas fragilidades dos sistemas educacionais e fortalecer o papel da educação na mobilidade social intergeracional. Requer a coordenação de políticas para o desenvolvimento produtivo, mercado de trabalho, instituições sociais e sistemas de cuidado, visando a inclusão no mercado de trabalho. Também fazem parte políticas abrangentes que promovam a igualdade de gênero e uma sociedade do cuidado, e garantam o respeito aos direitos dos povos indígenas, migrantes e pessoas com deficiência. Para implementá-las, é essencial fortalecer as capacidades técnicas, operacionais, políticas e prospectivas (TOPP) das instituições

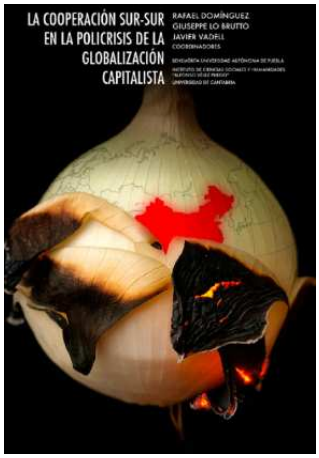
e assegurar gastos sociais eficientes e financeiramente sustentáveis. Acesso: Panorama Social de América Latina y el Caribe, 2025: cómo salir de la trampa de alta desigualdad, baja movilidad social y débil cohesión social | CEPAL

Madani K. (2026). ***Global Water Bankruptcy: Living Beyond Our Hydrological Means in the Post-Crisis Era.*** United Nations University Institute for Water, Environment and Health (UNU-INWEH), Richmond Hill, Ontario, Canada, doi: 10.53328/INR26KAM001 - Addresses critical global security and development challenges at the intersection of water, environment, and health. Conteúdos principais: 1. From water crisis to water bankruptcy; 2. The post-crisis era: when the system no longer rebounds; 3. Water bankruptcy in the Anthropocene; 4. Governing global water bankruptcy; 5. The way forward—a new water agenda to unite in a fragmented world. Acesso: https://collections.unu.edu/eserv/UNU:10445/Global_Water_Bankruptcy_Report__2026_.pdf



Catálogo temático sobre Desenvolvimento Sustentável e Assentamentos Humanos - CEPAL, 2025. Reúne as referências e acessos a 74 documentos da organização, que tratam do desenvolvimento sustentável e assentamentos humanos, com títulos importantes sobre economia circular, meio ambiente, mudanças climáticas, o Acordo de Escazú, o Fórum de Desenvolvimento Sustentável, cidades e assentamentos humanos, e muitos outros. Um formidável recurso para pesquisadores, professores e alunos, assim como ativistas sociais e líderes comunitários que queiram se debruçar sobre este fascinante campo de conhecimento e ação, com foco na América Latina e Caribe. Fonte: Catálogo temático: Desarrollo Sostenible y Asentamientos Humanos

La cooperación Sur-Sur en la policrisis de la globalización capitalista – Livro que compõe a coleção da Rede Acadêmica Ibero-Americana para a Cooperação Internacional (RIACI), organizada pelo Grupo de Pesquisa em Cooperação Sul-Sul e Integração Regional da Rede Espanhola de Estudos para o Desenvolvimento (GICSS-REEDES). A obra tem dois objetivos complementares: i) analisar o papel amortecedor da cooperação Sul-Sul diante dos efeitos da policrise da globalização capitalista e ii) compreender as diferentes modalidades adaptativas da cooperação Sul-Sul nesse contexto de múltiplas crises sincronizadas de alcance global. Discute a ideia de policrise, posicionando a cooperação Sul-Sul como possível alternativa ao colapso do modelo neoliberal global e contramovimento à desglobalização e à crescente divisão geopolítica, com a China como ator central. Acesso: https://www.editorialuc.es/libro/la-cooperacion-internacional-en-tiempos-de-competencia-estrategica-entre-el-interregno





Jeffrey Sachs lança cana verificado no YouTube

O professor Jeffrey Sachs, eminente especialista em política e diplomacia global da Columbia University, e colaborador eventual dos Cadernos, lançou um canal no YouTube, no qual suas palestras, entrevistas, aulas e conteúdo original em vídeo mais recentes podem ser encontradas. O site e o conteúdo são certificados, evitando o acesso aos vídeos e artigos falsos, gerados por inteligência artificial, atribuídos ao autor. A inscrição e acesso o canal é gratuito e sem compromissos, podendo ser realizada em: https://www.youtube.com/@JeffreyDSachsOfficial

Créditos dos autores dos cadernos

Ana Carol Aldapi Vaquera - Doutoranda em Ciências Políticas, UFSCar; Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais, UFPB; Licenciatura em Ciências Políticas, Universidad Católica Boliviana

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire - Mestre em Relações Internacionais, especialista em Popularização Divulgação e da Ciência, Analista de Gestão em Saúde, VPSGRI/Fiocruz

André Lobato - Mestre em mídias globais e comunicações, Doutor pela UFRJ, membro das equipes da VPSGRI e do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde, Fiocruz

Augusto Paulo José da Silva - Biólogo, mestre em biologia, Moldova State University, assessor e pesquisador na VPSGRI/Fiocruz

Armando De Negri Filho - Médico, mestre em epidemiologia, doutor em medicina preventiva, pesquisador visitante sênior na VPSGRI /Fiocruz

Bárbara Nogueira – Estudante de Relações Internacionais, estagiária na VPSGRI/Fiocruz

Bernardo Bahia Cesáreo - Pesquisador, CEE Fundação Oswaldo Cruz

Claudia Chamas - Pesquisadora sênior, CDTS Fiocruz e Instituto Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Doenças de Populações Negligenciadas

Claudia Hoirisch - Engenheira química, mestre em gestão e políticas de saúde, membro da equipe da VPSGRI/Fiocruz

Danielly P. Magalhães - Pós-doutora em saúde pública, doutora em química ambiental e mestre em saúde pública, pesquisadora visitante sênior na VPSGRI/Fiocruz, pesquisadora da Columbia University, EUA

Deisy de Freitas Lima Ventura - Professora Titular e Coordenadora do Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da USP, Vice-Diretora do Instituto de Relações Internacionais da USP

Denise Oliveira e Silva - Doutora em saúde pública, Pós Doutora em Antropologia, Pesquisadora em Saúde Pública, Fiocruz Brasília

Diana Reyna Zeballos Rivas - Médica, Mestre em Medicina e Saúde, Doutoranda do Instituto de Saúde Coletiva, UFBA

Eduardo Nilson - Doutor em Saúde Global e Sustentabilidade; Pesquisador em Saúde Pública, Fiocruz Brasília

Erica Kastrup - Mestre em Saúde Global e Diplomacia da Saúde, Doutora em História das Ciências e da Saúde, analista e pesquisadora na VPSGRI/Fiocruz

Fabiane Gaspar - Assessora de Cooperação do CRIS/Fiocruz; Graduação em Comércio Exterior e Direito; Especialista em Saúde Pública; Mestre em Direito Internacional, assessora e pesquisadora na VPSGRI/Fiocruz

Felix Júlio Rosenberg - Médico veterinário, mestre em ciências médicas. Diretor do Fórum Itaboraí, Fiocruz. Secretário Executivo da RINSP/CPLP, coordenador da Rede Latino-Americana e do Caribe de Institutos Nacionais de Saúde Pública, IANPHI

Giacomo Giannelli - Graduando em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

Gisele Sanglard - Pesquisadora e docente da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; Graduação em História; Mestrado em História Social da Cultura; Doutorado em História das Ciências da Saúde

Giulia Mariano Machado - Graduanda em Saúde Pública na FSP/USP e aluna de iniciação científica em Saúde Ambiental

Juan Garay – Co-chair Health, Ecology, Equity, and the Sustainable Health Equity Movement (SHEM); Professor/Researcher of Health Equity, Ethics and Metrics (Spain, Mexico, Cuba, Brazil); Founder of Valyter Ecovillage (valyter.es)

Júlia Moraes e Silva - Graduada em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP) e Mestranda em Saúde Pública na FSP-USP

Heliton Barros - Pesquisador do Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Isis Pillar Cazumbá da Cruz - MBA em Gestão de Projetos e Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá, analista e pesquisadora, VPSGRI/Fiocruz

João Miguel Estephanio - Pesquisador na VPSGRI/Fiocruz e Fiocruz Brasília

Laurenice Pires - Assistente Social, mestre em Serviço Social, doutora em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz

Livia Ferreira – estudante de Relações Internacionais; estagiária na VPSGRI/Fiocruz

Luana Bermudez - Graduada em Relações Internacionais, Mestre em Saúde Pública, doutoranda em saúde pública; pesquisadora na VPSGRI/Fiocruz

Lúcia Marques - Jornalista, mestre em Saúde Pública, analista de gestão em saúde pública, assessora Programa Fiocruz na Antártica, VPSGRI Fiocruz

Luiz Augusto Galvão - Mestre em saúde pública, doutor em saúde coletiva. Professor adjunto na Universidade Georgetown, EUA, e pesquisador sênior na VPSGRI/Fiocruz

Luís Eugenio Portela Fernandes de Souza - Professor do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Manuel Mahoche - Doutorando em Epidemiologia (FSP/USP), Mestre em Saúde Pública (UFRGS), Especialista em Saúde Global e Diplomacia da Saúde (FIOCRUZ), MBA em Data-Science Analytics (USP/ESALQ)

Marciglei Brito Morais - Enfermeira e Historiadora, Mestra em Educação, Doutoranda no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA

Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes - Pediatra, Doutora em Ciências, Pesquisadora e Docente da Pós-Graduação em Saúde da Mulher e da Criança, Coordenadora de Ações Nacionais e de Cooperação, IFF/Fiocruz

Maria Teresa Rossetti Massari - Enfermeira, Mestre em Saúde da Mulher e da Criança, Doutora em Saúde Coletiva. Atua na Coordenação de Ações Nacionais e de Cooperação do IFF/Fiocruz.

Marina Sujkowski Lima - Mestranda em Saúde Pública pela FSP-USP; graduada em Relações Internacionais pelo IRI-USP

Mateus Brito - Doutorando e Mestre em Saúde Coletiva (ISC/UFBA), alumni do Certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos (ALARI/Harvard University), especialista pela Residência em Saúde da População do Campo (UPE), Bacharel em Fisioterapia (UNISBA)

Matheus dos Santos da Silveira - Doutorando em Relações Internacionais, IRI/PUC-Rio, Bacharel (UNAMA) e Mestre (UNILA) em Relações Internacionais; Coeditor da Revista Debates Indígenas

Nina Bouqvar - Mestranda em Análise e Gestão de Políticas Internacionais: Resolução de Conflitos e Cooperação para o Desenvolvimento (MAPI) pela PUC-Rio e bacharel em Ciência Política (UNIRIO)

Patrícia Lewis Carpio - Doutoranda em Saúde Coletiva (ISC-UFBA), Mestre em ciências pela USP, Graduada em Psicologia no Peru, pesquisadora do Observatório Saúde e Migração (OSM) e integrante da FENAMI

Paula Reges - Médica infectologista, Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz); pesquisadora na VPSGRI/FIOCRUZ

Paulo Esteves - Doutor em Ciência Política, Professor Associado do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

Paulo Marchiori Buss - Médico, doutor em ciências; Professor emérito da Fiocruz; Coordenador do Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde da Fiocruz; diretor do Centro Colaborador em Diplomacia da Saúde Global e Cooperação Sul-Sul da OMS/OPS na Fiocruz, membro titular da Academia Nacional de Medicina

Pedro Burger - Licenciado em História, Mestre em Economia Política Internacional, Especialista em Saúde Pública, Coordenador adjunto da VPSGRI/Fiocruz

Priscilla Paiva Gê Vilella dos Santos - Psicóloga, Sanitarista e Mestre em Saúde Pública. Atua na Coordenação de Ações Nacionais e de Cooperação do IFF/Fiocruz

Rafael Gomes França - Doutorando da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

Renan Amaral Oliveira - Doutorando em Saúde Global e Sustentabilidade, FSP/USP; Mestre em Relações Internacionais, UFBA; Bacharel duplo em Ciências e Humanidades e em Relações Internacionais, UFABC

René Mendes - Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP); Pesquisador Visitante Sênior na VPSGRI/Fiocruz

Regina Ungerer - Médica, Doutora em Ciências, pesquisadora sênior na VPSGRI/Fiocruz

Rychard de Lima Monteiro - Enfermeiro especialista em Relações Internacionais; Trainee de Gestão Pública, Assessoria de Planejamento, Escola de Saúde Pública do Maranhão

Samia de Brito - Graduação e Mestrado em Relações Internacionais; Analista em cooperação internacional, Instituto René Rachou, Fiocruz-Minas

Santiago Alcázar - Diplomata; Pesquisador Honorário da Fiocruz

Sebastian Tobar - Sociólogo, Doutor em Saúde Pública, pesquisador sênior na VPSGRI/Fiocruz, assessor sênior da Aliança Latino-Americana de Saúde Global – ALASAG

Tatiana Cerqueira Machado Medrado - Graduada em Ciências Biológicas (UCSal) e Medicina Veterinária (UFBA); Especialista em análise de dados secundários, e em monitoramento, avaliação e informação estratégica (ISC/UFBA), Especialista em análise da situação de saude (UFG), Mestre em Saúde Pública e Doutoranda em Saude Coletiva, ISC/UFBA

Thaiany Medeiros Cury - Bacharel em Relações Internacionais, Mestranda em Análise e Gestão de Políticas Internacionais, IRI/PUC-Rio

Tomé Cá - Estatístico-epidemiologista, mestre em ciências econômicas e em saúde pública, membro da Organização Oeste Africana de Saúde (OOAS/CEDEAO)

Vitor Rodrigues - Graduado em Relações Internacionais, assistente de pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz

Vitória Kavanami - Graduada em Relações Internacionais e bolsista da Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz)

Novos colaboradores

Anabela Santiago - Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade de Aveiro (Portugal). Investigadora do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Colaboradora na PICTIS (parceira da Fiocruz-IOC)

Cristiane Pereira - Doutoranda e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Pesquisas em Direito Sanitário da USP (CEPEDISA).

Bruno Neves - Mestrando em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Pesquisador do Núcleo Economia Política das Relações Sul-Sul (BRICS Policy Center/PUC-Rio).

Alexandra Rodrigues Sanches - Mestranda em Economia Política Mundial pela UFABC. Graduação em Relações Internacionais pela UNISO. Pesquisadora do Grupo de Trabalho Brasil-China da OPEB/UFABC.

Pedro Diaz - Doutor em Ciência da Informação PPGCI/USP; Pesquisador em História da Ciência no MAST-RJ, Grupo de Pesquisas Patrimônio e Memória Digital do Grupo de Estudos Preservação Digital da Rede Cariniana.

Giovana Guiciard - Mestranda em Política Internacional na Shanghai International Studies University; Graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista PIBIC em Política Externa Brasileira e Direitos Humanos da ONU

Cadernos Fiocruz sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde

Desde abril de 2020 o CRIS vem produzindo **Cadernos sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde,** um dos produtos do Observatório CRIS de Saúde Global e Diplomacia da Saúde. Entre 2020 e 2025 foram produzidos **129** Informes quinzenais. Para 2026 está programada a edição de 23 fascículos quinzenais. Os interessados na coleção podem acessar ou fazer download de artigos ou edições completas em:

https://fiocruz.br/cadernos-cris-fiocruz-informes-sobre-saude-global-e-diplomacia-da-saude

Seminários Avançados em Saúde Global e Diplomacia da Saúde

Desde setembro de 2020, o CRIS vem realizando os **Seminários Avançados em Saúde Global e Diplomacia da Saúde,** sobre temas de alta relevância para este campo conceitual e de práticas da

saúde pública e das relações internacionais. Os Seminários são um dos produtos do Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde. Entre 2020 e 2025 foram realizados 137 Seminários e, em 2026, estão programados 23 Seminários. Os Seminários são acessíveis para audiência e download em:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLz0vw2G9i8v-mMVaQPrzpQUQhqa-0obSN

Próximos Seminários

Dia 04 de fevereiro – Geopolítica e Agenda da Saúde Global e Diplomacia da Saúde 2026

Dia 25 de fevereiro – Situação demográfico-epidemiológica global e regional da ALC

Os seminários são transmitidos ao vivo na página da Fiocruz no Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UC5z5hsnZOZJH8vFacP-9poQ